

## **RAZÃO E RETÓRICA EM ERASMO DE ROTTERDAM**

**Autor:** Fabrina Magalhães Pinto

**Instituição:** Doutoranda da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Erasmus de Rotterdam, que viveu entre os anos de 1469 e 1536, é considerado um dos humanistas mais importantes do Renascimento europeu, tendo dedicado toda a sua vida a questões cruciais à sua época como a reforma religiosa da Igreja, a recuperação e publicação de textos clássicos, a pesquisa filológica e a defesa do pacifismo e da liberdade em oposição ao *Servo-Arbítrio* de Lutero. Tal fama, lograda ainda no século XVI, ocorreu através da publicação de diversas obras, por nós hoje praticamente desconhecidas, como os *Adágios*, os *Colóquios*, o *Ensaio sobre o Livre Arbítrio* e o *Enquiridion* ou *Manual do Soldado Cristão*.

Os *Adágios*<sup>1</sup>, por exemplo, publicados pela primeira vez em 1500, começaram como uma coletânea de 800 provérbios e máximas da antiguidade clássica, mas, na edição de 1508 o texto já havia alcançado o número de 4251 adágios. O mesmo sucesso Erasmo obteve com o *Enquiridion*<sup>2</sup>, de 1503, obra representativa da religiosidade humanista e da busca por uma espiritualidade interiorizada e avessa a qualquer tipo de formalismo escolástico. Este pequeno *Manual* de conduta moral endereçado aos cristãos, é considerado por Marcel Bataillon<sup>3</sup> como um dos textos mais lidos em toda a Europa Ocidental, tendo sido publicado em oito línguas diferentes em menos de quinze anos. O estranhamento que atualmente esses títulos pode nos causar é esquecido quando mencionamos o *Elogio da Loucura*<sup>4</sup> (1511); trabalho que sem dúvida imortalizou o humanista. É através da alegoria da Loucura, de quem se espera os maiores disparates, que Erasmo faz duras críticas à religiosidade de seu tempo; ressaltando aspectos como as superstições e a ritualização do culto cristão, a falta de conhecimento do texto bíblico, a hierarquização e a corrupção cultivadas pela Igreja.

Apesar da importância e atualidade inquestionáveis destas questões abordadas no *Elogio*, o Erasmo que aqui nos interessa é o humanista e o retórico, e, por isso, talvez o menos conhecido. Jacques Chomarat<sup>5</sup> afirma que o caminho mais percorrido por seus analistas ainda é aquele que relaciona este autor às questões teológicas de seu tempo. Podemos citar abordagens como a de Charles Bené<sup>6</sup>, ao analisar a influência do texto de Santo Agostinho na obra erasmiana; Jean Boisset<sup>7</sup>, historiador protestante que traça um paralelo detalhado entre Erasmo e Lutero; G. Chantraine<sup>8</sup>, que reconhece uma afinidade entre o pensamento erasmiano e o tomista, e Marcel Bataillon<sup>9</sup>, que dedica boa parte de seu *Erasmus y Espanha* a estudar a recepção dos escritos teológicos de Erasmo e sua influência na transformação do pensamento religioso deste país, apenas para indicar alguns exemplos. Por isso, interessa-nos observar o posicionamento humanístico e pedagógico do autor; expresso na sua defesa pelo estudo e pela pureza das línguas clássicas (o

latim, o grego e também o hebraico), na sua busca pela redescoberta dos textos clássicos (como o *De Oratore* e o de *l'Orator* de Cícero<sup>10</sup>), a compilação e publicação realizada por Erasmo de algumas obras de Sêneca, Tácito e Luciano, e a sua luta pela inserção destes textos no currículo das instituições de ensino. Mas, procuraremos ressaltar de forma mais específica neste artigo a influência da retórica clássica na composição da obra erasmiana.

De acordo com M. Fumaroli<sup>11</sup>, a retórica assumiu um papel essencial no Renascimento, sendo autores como Juan Vives, Thomas More, Guillaume Budé, Philippe Mélancton e Rodolfo Agricola, além, é claro, da tradição humanista anterior de Lorenzo Valla, Pico della Mirandola e Marsilio Ficino Ficino, exemplos claros da retomada dessa tradição e da dedicação às questões relativas à retórica e a comunicação na Europa Moderna. A *ars rhetorica* reencontrou, nesse período, a função mediadora que possuía na Roma Antiga: *"dar a tudo o que o homem sabe e mesmo aquilo que excede o seu saber uma forma e um sentido que o instrui e o torna menos impotente"*<sup>12</sup>. Seria então através do aprendizado da arte retórica que *"o homem diz e aprende a dizer com uma aparência de facilidade as coisas mais difíceis"*<sup>13</sup>, pois o domínio dessa arte nos permite tanto falar com eloquência quanto persuadir o leitor ou o ouvinte do argumento proposto. Essa promessa e a dedicação profunda às técnicas da arte retórica se baseavam em autores como Cícero e Quintiliano. Segundo eles:

*"Que há de mais poderoso, que há de mais magnífico do que poder um homem afetar os movimentos do povo, os escrúpulos dos juízes e a gravidade do Senado, por meio da oratória"*<sup>14</sup>. *"Além disso", prossegue ele, "o que poderia ser mais régio, mais liberal, mais nobre do que a arte da retórica"*<sup>15</sup>, *a arte que nos faculta "conceder súplicas, animar os aflitos, garantir a segurança, libertar as pessoas do perigo e mantê-las em estado civilizado?"*<sup>16</sup>

A retórica entendida então entre os antigos como a arte de persuadir, que tornaria o orador capaz de desviar ou motivar até mesmo uma platéia hostil ou céptica para a aceitação dos argumentos por ele propostos através do desenvolvimento da eloquência foi, considerada por Cícero, no seu *De Oratore*, como a mais importante habilidade criada pelo homem. Entretanto, o orador necessitaria de duas qualidades cruciais para persuadir seus ouvintes: da razão, para descobrir a verdade, e da eloquência, para levar seu público a aceitá-la. Segundo Quentin Skinner<sup>17</sup>, a declaração mais influente de que o poder dos retóricos estava em aliar a razão à eloquência, talvez seja a que é fornecida por Cícero nas primeiras páginas de seu *De inventione*. Ele reconhece que *"o saber é em si silencioso e impotente para falar" de modo que "o saber sem eloquência não pode fazer bem algum às cidades"*<sup>18</sup>. E enfatiza que as cidades foram criadas não apenas pela razão, mas também pela eloquência, sendo estes dois fatores indispensáveis à vida pública, e que permitiram aos primeiros legisladores convencer nossos antepassados a adotarem um estilo de vida mais

civilizado. Estas, segundo ele, continuam sendo as qualidades que os líderes civis devem possuir acima de tudo. Por esse motivo, é que uma grande parcela da *scientia civilis* deve ser ocupada pela arte da eloquência e, em particular, por "*aquela forma de eloquência artística que se costuma conhecer como retórica, cuja função é persuadir, e cuja meta é persuadir através da fala.*"<sup>19</sup> Posteriormente, esse mesmo argumento foi utilizado por Quintiliano<sup>20</sup> no prefácio de seu *Institutio Oratoria*, onde ele afirma com muita clareza que o homem verdadeiramente apto para administrar os assuntos públicos deveria unir as qualidades simultâneas dos homens de ciência e dos homens de eloquência.

Tais pressupostos ressurgiram, com ênfase ainda maior, no Renascimento, durante o qual humanistas como Erasmo também utilizaram estes argumentos ao falarem sobre a necessidade de uma aliança entre a razão, a sabedoria e a eloquência para que fossem finalizadas as batalhas que assolavam a cristandade. Diz ele no colóquio intitulado a *Queixa da Paz*:

*"De todos os seres, são os homens aqueles a quem mais se ajustava a concórdia e que de longe mais dela necessitam, porém, de todos os seres, os homens são os únicos que nem a natureza - tão poderosa e eficaz sobre tudo o mais - põe em acordo. (...) [Além disso] "só aos homens foi dada a capacidade da razão, a qual, assim como é comum a todos eles, não tem em comum com nenhum dos restantes seres vivos. Só ao homem foi concedida a linguagem, que é o principal fator das relações sociais."*<sup>21</sup>

Este texto, publicado pela primeira vez em 1517, foi escrito por Erasmo sete anos antes à pedido do então chanceler de Carlos V, João de Sauvage, para uma conferência que reuniria este imperador e os reis da França e da Inglaterra para que eles pudessem estabelecer um acordo de paz. Neste colóquio Erasmo enfatiza seu repúdio por todo tipo de beligerância e uma ilimitada confiança na eficácia do diálogo para a resolução dos conflitos que opunham os cristãos. Erasmo insiste neste aspecto também em seu texto sobre *A Guerra*, ressaltando não só o fato dos conflitos terem sido banalizados e aceitos por todos os homens de seu tempo, mas também que através do mau uso da palavra essas discordâncias foram estimuladas até mesmo por àqueles que com mais afino deveriam reprimi-las, como é o caso dos teólogos, cardeais e papas. Segundo ele, a mesma natureza que apenas a nós homem concedeu o uso da linguagem e da razão "*para que absolutamente nada entre os homens se resolva através da força*" também lhe acrescentou "*o gosto pelas disciplinas liberais e a ânsia de saber: coisas estas que, assim como são as mais poderosas para desviarem o engenho do homem de toda a violência, também têm uma grande força para conciliar vínculos de amizade.*"<sup>22</sup>

A crença em que até o mais sábio raciocínio precisa escorar-se na força da eloquência, por sua vez, contribui para explicar por que esses autores (sejam eles antigos ou modernos) insistiram em que, antes de se voltar para o estudo da história e da filosofia moral, os alunos deveriam se dedicar ao aprendizado da arte retórica e das suas técnicas de persuasão.

Erasmus também concorda que o domínio da arte retórica é uma condição necessária para se escrever com eloquência persuasiva, e é sobre este aspecto que reside boa parte das preocupações do humanista.

Ele se dedica seriamente a esse assunto e elabora - em um período em que o modelo curricular de ensino não estava fechado sobre os objetivos mais adequados a educação e a melhor forma de alcançá-los -, um esboço de um currículo modelo com o título de *Ratione studii*<sup>23</sup>, publicado em 1512. Neste manual, um dos primeiros a sintetizar os ideais humanistas e que, segundo Skinner<sup>24</sup>, por muito tempo influenciou diversos outros manuais na Inglaterra, a meta principal seria o domínio das línguas clássicas através de um ensino voltado para autores da Antigüidade como Luciano, Demóstenes, Heródoto, Homero, Terêncio e Virgílio, todos eles impregnados com o estilo mais puro. O segundo passo para o aluno seria, com o auxílio de um bom preceptor e da escolha dos textos certos, a aquisição da prática e da fluência na língua, partindo, em seguida, para a observação do conteúdo da obra. É nessa fase, de acordo com o esquema erasmiano, que o aluno deve se ater às questões mais particulares da gramática como: metáforas, adágios, sinônimos etc.

Além dessa obra, podemos citar mais dois trabalhos em que o autor dedicou-se minuciosamente a essa discussão sobre a incorporação da retórica no currículo escolar. Por esse motivo, chamamos atenção para a sua importância. Sendo o *Ratio* um breve ensaio, Erasmus analisa mais cuidadosamente essas questões no *De Duplici copia*<sup>25</sup> (1514), onde ele esboça as figuras gramaticais mais importantes para a construção de um discurso ora conciso ora abundante em palavras, ressaltando a necessidade do aluno treinar essas duas variantes em vários estilos diferentes para que ele alcance ao final o objetivo maior: a invenção. É dessa forma que o aluno, conhecendo meticulosamente todos os vieses do discurso, pode escrever sobre o mesmo tema fazendo uso de estilos diferentes, como o humanista demonstrou no *Enquiritidion* e no *Elogio da Loucura*. Diz Erasmus que:

*"Não tive no Elogio da Loucura objetivo diferente do de meus outros escritos, embora por uma via diferente. No Manual do Soldado Cristão, tratei simplesmente de expor a vida cristã. No livrinho sobre a Educação de um Príncipe, expus abertamente os princípios com que convém que um príncipe seja instruído. No Panegírico, sob o véu do elogio, tratei obliquamente do mesmo assunto, que já havia tratado abertamente no outro. E as idéias expressas na Loucura, não são nada diferentes das que estavam expressas no Manual, mas escritas em brumas."*<sup>26</sup>

Esse fragmento retirado da carta do humanista a seu amigo Martim Dorpius foi escrito em 1515, ou seja, pouco depois da publicação do *Elogio da Loucura* e em defesa dessa obra. Nesta carta, Erasmus ressalta, logo nas primeiras páginas, a semelhança entre as temáticas tratadas por ele no *Manual do Soldado Cristão* e no *Elogio da Loucura*.

Tratando de temas polêmicos e criticando declaradamente a Igreja Católica, Erasmo esboça nas duas obras, a mesma solução para conter "*as deformações introduzidas na vida espiritual dos cristãos*"<sup>27</sup>, que seria baseada, então, no conhecimento e no aprendizado dos textos bíblicos. O humanista reafirma seu ideal oito anos após a edição do *Manual*, com a única diferença de usar uma outra estratégia narrativa: no lugar da clareza expressa naquela obra, a sua perspectiva no *Elogio* torna-se ambígua e satírica.

É justamente através da arte retórica e do conhecimento do método, ou seja, da gramática e dos estilos que a ela estão ligados, que o autor pode não apenas escrever sobre o mesmo tema utilizando formas diferenciadas de discurso, mas também criar, inventar e se distanciar dos modelos antigos. Os autores clássicos servem claramente para Erasmo como ponto de partida, mas, ao final, o aluno tem como meta alcançar e conhecer a sua própria criatividade. Essa mesma preocupação se repete no *Ciceronianus*<sup>28</sup> (1528), fruto de vinte anos de reflexões sobre a retórica e sobre o problema do pedantismo. Neste diálogo hábil e irônico, o humanista se volta contra os "ciceronianos" e a quase idolatria de seu tempo às palavras e à forma discursiva por ele elaborada. Como para o humanista a retórica possui o mesmo significado que possuía para os antigos, ela não deve ser desperdiçada em uma imitação de discussões já esgotadas por eles. Ao contrário, a retórica moderna deve aproveitar ao máximo a elegância e a inteligência dos autores clássicos na construção de seus próprios textos, estando, é claro, de acordo com as questões de seu tempo. Portanto, o melhor estilo é aquele que, formado nas disciplinas humanistas, propõe uma imitação crítica e criativa.

Podemos afirmar que, para Erasmo, uma das principais razões para se recorrer à eloquência é obter uma apreciação das diferentes formas de oratória, dos diferentes tipos de discurso e de seus argumentos característicos. Uma vez aprendida essa técnica o autor pode criar e convencer seu leitor das verdades por ele descobertas.

Estes são alguns dos textos em que o humanista expõe mais claramente a importância do aprendizado e da arte retórica, assim como enfatiza a relevância da escolha correta das palavras e de seu significado, das técnicas da redescritção (como a paradiastólica, que deixa vícios e virtudes como vizinhos, ou daquelas que servem para ampliar nossos enunciados), dos meios de ornamentação, da disposição apropriada dos temas e do uso eficaz das figuras e tropos da linguagem. Contudo, não podemos deixar de lembrar que, para Erasmo, o aprendizado desta arte seria o primeiro passo para que o aluno pudesse, em seguida, também interpretar de forma alegórica e metafórica o texto bíblico. Segundo ele:

*"A literatura pagã forma e dá vigor à inteligência dos jovens e os prepara maravilhosamente para o conhecimento da Sagrada Escritura, já que adentrar-se nela com os pés e mãos sujas é quase um sacrilégio. São Jerônimo tacha de descaso aqueles que recém saídos dos estudos profanos se atrevem a expor as Sagradas Escrituras. E*

*quanto mais insolente é o proceder de quem sem provar os primeiros se atrevem aos segundos!"<sup>29</sup>*

É dessa forma que seu interesse pela arte do convencimento e, por sua vez, pela conquista de um número cada vez maior de leitores, pressupõe uma relação com a reforma moral e religiosa da própria cristandade. Podemos perceber que, longe de renunciar às belas letras, o apreço de Erasmo pelo humanismo só fez se intensificar, pois sua preocupação com a palavra torna-se uma presença marcante no decorrer dos seus trabalhos, assumindo em alguns momentos, um caráter quase "utópico" ao pretender através do impacto de suas obras uma real mudança na sociedade moderna.

No *Enquiridion*, por exemplo, Erasmo critica de forma contundente o mau uso da palavra, ou, se preferirmos, as falsidades difundidas pelos teólogos, bispos e papas que usam a linguagem para convencer os cristãos de uma doutrina "incorreta", muito afastada da piedade cristã. Na sua carta à Paul Volz, que serve de prefácio à reedição do Manual, em 1518, Erasmo afirma que "*o padre caluniador é julgado mais culpado que o padre fornicador.*" De acordo com essa tradição humanista no Norte, da qual Erasmo faz parte, o orador cristão ao elaborar o seu discurso e intentar persuadir seu leitor deveria ser animado pela sinceridade e pelo amor à verdade. Seria então divulgando a verdadeira mensagem bíblica que ele poderia contribuir para a elevação moral e espiritual dos homens.

Se, no *Elogio*, o riso e a linguagem metafórica foram os instrumento utilizados pelo humanista para fazer rir, distrair, ludibriar e convencer seus leitores sobre a real situação religiosa de seu tempo, já no *Enquiridion*, é a narrativa clara e objetiva que tenta alertar os cristãos do mesmo afastamento dos pressupostos deixados por Cristo. Nos dois casos, diferentemente da cidade antiga, onde persuadir é disputar uma decisão política ou judiciária, a arte do convencimento consiste em provocar uma transformação interior, em converter e encaminhar o homem à piedade cristã.

---

NOTAS:

<sup>1</sup>Érasme. *Éloge de la Folie; Adages; Colloques; Réflexions sur l'Art; l'Education; la Religion; la Guerre, la Philosophie et Correspondance*. Paris: Robert Laffont, 1992.

<sup>2</sup> Erasmo de Rotterdam. *Enquiridion: Manual del Caballero Cristiano*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.

<sup>3</sup> Marcel Bataillon. *Erasmo y Espanha: estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*. México: Fondo de Cultura, 1996.

<sup>4</sup> Erasmo de Rotterdam. O Elogio da Loucura. São Paulo: Martins Fontes: 1997.

<sup>5</sup> Jacques Chomarat. Gramaire et Rhétorique chez Erasme. Paris: Belle-Lettres, 1981.

<sup>6</sup> Charles Bené ao analisar a influência de Santo Agostinho no pensamento erasmiano, conclui que ele não teria feito mais do que plagiar as idéias do teólogo, uma vez que ele propõe uma versão cristã da retórica; utilizando o texto de Cícero - o *De Oratore* -, para afirmar que a retórica utilizada nesta obra pagã como parte da cena pública poderia também ser utilizada no âmbito interior e, portanto, associada à religiosidade. Para ele, o diálogo com Deus, esta experiência íntima, também pode ser favorecida pela escolha de um caminho virtuoso, assim como pela escolha das melhores palavras e figuras a serem empregadas no diálogo. Charles Béné. Erasme et Saint Augustin. Genève: Droz, 1969.

<sup>7</sup> Jean Boisset. Erasme et Luther: livre ou serf-arbitre? Paris, 1964.

<sup>8</sup> G. Chantraine. Mystère et Philosophie du Crist. Paris: Namur-Gembloux, 1971.

<sup>9</sup> Marcel Bataillon, op. cit.

<sup>10</sup> Segundo M. Fumaroli, os diálogos de Cícero onde ele trata da eloquência eram em parte ignorados pela Idade Média. No século XIV apenas os fragmentos do *De Oratore* e do *l'Orator* eram conhecidos por um pequeno número de clérigos. É apenas em 1421 que o padre de Lodi descobre um manuscrito completo de seus trabalhos. Sobre este assunto ver: Marc Fumaroli. L'Âge de l'Éloquence: rhétorique et "res literaria" de la Renaissance au seuil de l'époque classique. Paris: Albin Michel, 1994.

<sup>11</sup> M. Fumaroli, idem, ver a 1ª parte, capítulo 2. Para complementar esta discussão pode-se conferir também (pp. 191-257) Marc Fumaroli. Histoire de la Rhétorique dans l'Europe Moderne: 1450-1950. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

<sup>12</sup> M. Fumaroli, L'Âge de l'Éloquence ..., p. 5.

<sup>13</sup> Idem, p. 5.

<sup>14</sup> Cícero. De Oratore, (vol. 1, pp. 22-24.) Londres: E. W. e Rackham, 1942.

<sup>15</sup> Idem, vol. 1, p. 24.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>17</sup> Cícero. De Inventione. Paris: Belles-Lettres, 1994.

<sup>18</sup> Idem, p. 4-6. Sobre a razão e a eloquência em Cícero, ver também: Alan Michel. Rhétorique et Philosophie chez Ciceron: essai sur les fondements philosophiques de l'art de persuader. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

<sup>19</sup> Cícero. De Inventione, p. 12-14.

<sup>20</sup> Quintiliano. The Institutio Oratoria. Londres: Butler, 1921.

<sup>21</sup> Erasmo de Roterdão. A Guerra e a Queixa da Paz. (p.86) Lisboa: Edições 70, 1999.

<sup>22</sup> Erasmo, idem, p. 29.

<sup>23</sup> Sobre o ensaio intitulado *Ratio studii*, (pp.228-232) ver: Érasme. Oeuvres Choiesies: les Antibarbares; le Poignard du Soldat Chrétien; Poème sur la Vieillesse; la Méthode pour Étudier; la Double Abondance des Mots et des Idées; Il Faut Former les enfants; les Adages; le Nouveau Testament; Annotations; les Paraphrases; le Libre Arbitre; la Pronunciation Correcte du Latin et du grec et le Ciceronien. Paris: Librairie Générale Française, 1991.

<sup>24</sup> Q. Skinner, op. cit, p.43.

<sup>25</sup> Sobre o *De Duplici Copia*, (pp. 233 -258) cf.: Érasme. Oeuvres Choiesies. Paris: Librairie Générale Française, 1991.

<sup>26</sup> Carta de Erasmo ao amigo Martin Dorpius em resposta as críticas que este teólogo teria feito a publicação do *Elogio da Loucura*. Dorpius fez-se o porta-voz dos teólogos do Colégio de Louvain, deixando claro seu descontentamento em relação as acusações erasmianas contra a classe clerical. Cf.: Erasmo de Rotterdam, Elogio da Loucura, p. 115.

<sup>27</sup> Idem, p. 28.

<sup>28</sup> Sobre o *Ciceronianus*, (pp. 925 - 970) ver: Érasme. Oeuvres Choiesies. Paris: Librairie Générale Française, 1991.

<sup>29</sup> Erasmo. Enquirdion, p. 57